

O LÚDICO: UM FENÔMENO TRANSICIONAL

*Luiz Alberto Lorenzetto*¹

RESUMO

Este estudo realizado dentro da área da Filosofia da Educação, buscou analisar o LÚDICO como um aspecto da TRANSICIONALIDADE, isto é, como um estágio intermediário entre a FUSIONALIDADE e a AUTONOMIA, em busca da identidade pessoal e o reconhecimento social. O estudo mostra que: a) este estágio implica na necessidade de entrar em CONTATO, vencer certas RESISTÊNCIAS existenciais e até de "quebrar o próprio gelo"; e b) que o prazer do jogo diante dos objetos e fenômenos transicionais demonstra ser uma excelente forma de contato entre as pessoas, pois diminui a formalidade, promove a alegria e desenvolve a confiança.

UNITERMOS: Jogo, Transicionalidade, Comunicação, Saúde.

*O brincar implica confiança e pertence ao espaço potencial (um tipo de "Play-ground") existente entre o bebê e a mãe. A confiança no amor da mãe; do pai; da família e do brincar criativo, devem permitir ao bebê, passar da dependência para a autonomia. Os fenômenos transicionais evoluem para o brincar, para o brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais. A brincadeira é universal, natural, facilita o crescimento e é própria da saúde.*²

Este estudo tem a finalidade de questionar as possibilidades ou não do lúdico na construção do ser humano, nos resultados desta edificação e nos caminhos que conduzem a esta meta.

Fator histórico e fazedor da história, o corpo tem jogado em vários times, ganhando alguns jogos e perdendo outros, segundo o ponto de vista de quem observa.

Fruto de grandes paradoxos, o corpo tem sido ensinado, domesticado, amado, seduzido, castigado, exorcizado, massacrado, sacralizado, como fatalmente teria de acontecer, pelo fato de pertencer a seres que segregam, estupram, torturam, divinizam, cometendo atos que vão desde os mais ignóbeis aos mais sublimes (sempre dependendo do ponto de vista de quem aponta o dedo).

Talvez isso aconteça pelas pluralidades do seu crescimento e desenvolvimento, na tentativa de ora agarrar-se às suas origens, ora agarrar-se às suas identidades, tendendo em certos momentos para a fusionalidade, e em outros para a autonomia.

Âmbíguo, divergente e caçador, como todo ser criativo, o ser humano trafega (no mínimo) por dois caminhos:

- O do intimismo do corpo (a busca do "eu"), como acesso à interioridade, experimentando autopercepções profundas.
- O do compartilhamento do corpo (a busca do "nós"), como acesso à exterioridade dos conteúdos vitais e à maiores possibilidades de expressão e comunicação.

Não se conformando em ser apenas o início, o meio e o fim de toda a sua subjetividade, o ser humano teima em transcender-se, investigando suas potencialidades no passado, no presente e no futuro, no concreto e no abstrato.

Donald Winnicott deu o nome de TRANSICIONAIS³ a algumas experiências humanas acima, entre as quais estou incluindo o brinquedo como objeto, o jogo como ação e o lúdico como fenômeno.

Não serão o esporte, a dança, a ginástica e o jogo os recursos que o ser humano possui, para alcançar as profundezas e o infinito das suas relações, revoltando-se contra suas próprias limitações?

Não serão as atividades corporais (competitivas, expressivas e utilitárias) um meio para que o Homem se conscientize de que realmente é humano?

Na prática, dimensões muito grandes da corporeidade têm sido desenvolvidas. Não podendo mudar as regras, o ser humano violenta e se violenta:

- Não podendo controlar o cronômetro, ele corre cada vez mais rápido.

- Não podendo competir com a trena, ele arremessa cada vez mais longe.

Embora não possa competir com a ação da gravidade, ele salta cada vez mais alto.

Seus gestos não são puras quantificações mecanicistas, mas também a arte em movimento, o jogo da beleza, do vigor, da precisão, da graça, da fluidez e da harmonia.

Não estou me referindo apenas aos grandes atletas, ginastas e dançarinos, mas a todos aqueles que conseguem superar-se. A educação, como linguagem (ao nível de uma elite ou da maioria), deve desacomodar o corpo, para que ele fale quanto, quando e como (a até se), deseja permanecer (fusionalidade), ou partir (autonomia).

É o que veremos no item seguinte.

¹ Professor Doutor do Departamento de Educação Física - UNESP - Rio Claro

² WINNICOTT, 1975, p.71-72-76

³ WINNICOTT, 1975, p.16-17

O BRINQUEDO, O JOGO E O LÚDICO: EXPERIÊNCIAS TRANSICIONAIS

Os códigos, os meios, os codificadores, os decodificadores, dentro do processo de comunicação humana, aparecem sob as formas mais variadas, dependendo do sexo, da idade, das experiências de vida, das relações de família, de trabalho e das atividades artísticas e desportivas.

Portanto, os aspectos da comunicação podem revelar-se nos bebês, nas crianças, nos ginastas, nos dançarinos, nos políticos e nos artistas, pois são universais.

Os meios de comunicação podem apresentar uma dimensão muito abrangente, como é o caso dos meios de comunicação de massa, ou uma dimensão mais restrita, como é o caso do cordão umbilical, fator de comunicação entre o feto e a mãe.

Entretanto, elementos de comunicação não têm apenas a função de unir, mas também de preparar a separação.

Esta é uma das funções dos objetos, ações e fenômenos da transicionalidade.

A fusionalidade, explicada por André Lapierre e Bernard Aucouturier, significa a simbiose total entre o feto e a mãe, situação de caráter temporário, onde o óvulo e o espermatozóide se transformam num novo continuador da vida. Segundo os autores, a fusionalidade é também um estado de indiferenciação total onde o feto não é uma parte separada da mãe e vive numa plenitude difusa e sem limite.⁴

O nascimento impede a continuidade desta plenitude fusional, ausente de necessidades, desejos e frustrações. A perda da fusionalidade absoluta, caracterizada pela mutualidade da pertinência e do prazer, é sentida como um verdadeiro trauma para o bebê, que começa a experimentar uma série de sensações vindas do meio ambiente e a perda da sua plenitude.⁵

Após o nascimento advém uma independência relativa (quando a criança começa a locomover-se), situação de caráter transitório, que prepara para uma independência propriamente dita e para a maturidade.

As passagens dessa evolução são acompanhadas por "objetos e fenômenos transicionais", que Winnicot caracterizou como:

A área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projecção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta (diga "bigado").⁶

Solomon (apud Winnicot, 1975), relata que a transicionalidade não é representada apenas por um objeto de natureza concreta, mas também por algo imaginário ou simbólico. Ele explica este fato, chamando uma "idéia fixa", de objeto transicional internalizado.⁷

No relato que se segue, Winnicot enfatiza o valor do objeto transicional, onde:

Pode-se supor que pensar ou fantasiar, se vincule a essas experiências funcionais. Tudo isso estou chamando de Fenômenos Transicionais. De tudo isso, também (se estudarmos qualquer bebê), pode surgir alguma coisa ou algum fenômeno - talvez uma bola de lã, a pontinha de um cobertor ou edredão, uma palavra ou uma melodia, ou um maneirismo - que, para o bebê, se torna vitalmente importante para seu uso no momento de dormir, constituindo uma defesa contra a ansiedade, especialmente a ansiedade do tipo depressivo. Talvez um objeto macio, ou outro tipo de objeto, tenha sido encontrado e usado pelo bebê, tornando-se naquilo que eu estou chamando de objeto transicional. Esse objeto continua sendo importante. Os pais vêm a saber do seu valor e levam-no consigo quando viajam. A mãe permite que fique sujo e até mesmo malcheiroso, sabendo que, se lavá-lo introduzirá uma ruptura de continuidade na experiência do bebê, ruptura essa que pode destruir o significado e o valor do objeto para ele.⁸

Isto demonstra que o objeto transicional pode apresentar outro paradoxo: ele pode não necessariamente fazer parte do corpo humano nem ser necessariamente reconhecido como algo externo a esse corpo.

O lactente não diferencia mão e chocalho, em função das sensações fusionais parciais do seu corpo, gerando segundo Melanie Klein (apud Lapierre e Aucouturier), a posição "esquizóide" e o estágio do objeto parcial.⁹

A busca de uma nova fusionalidade pode ser encontrada pelo processo de comunicação entre o bebê e o adulto desejado, através de fenômenos transicionais, como o "calor do corpo, o contato com a pele, o hálito, o ato de embalar, o aleitamento, o olhar, a voz e, sobretudo, o acordo das tensões tônicas.¹⁰

Quando o emissor (adulto desejado) e o receptor (bebê), ou vice-versa, não produzirem "ruídos" nos canais de comunicação será estabelecido um verdadeiro diálogo corporal, cuja qualidade poderá influenciar a formação de aspectos muito positivos da personalidade.

As atividades realizadas pelas crianças nos "play-grounds", como balançar, escorregar, trepar, equilibrar, esconder, girar, rolar e suspender-se, são muito parecidas com as ações transicionais executadas com seus

⁴ LAPIERRE & AUCOUTURIER, 1984. p.10.

⁵ WINNICOT, 1975. p.10. David Winnicot, op. cit., p.10.

⁶ IBIDEM. p.14

⁷ SOLOMON (apud WINNICOT). 1975. p.11.

⁸ WINNICOT, 1975, 1975. p.16-17.

⁹ KLEIN (apud LAPIERRE & AUCOUTURIER), 1984. P.11.

¹⁰ LAPIERRE & AUCOUTURIER, 1984. p.11.

pais, quando ainda eram bebês, o que caracteriza a necessidade de perpetuar o prazer da fusionalidade.

Os objetos transicionais podem apresentar-se para as crianças sob várias óticas: como uma prova de amor, de sofrimento, de agressão, de negligência, de defesa, de recompensa e até de ódio.

Melanie Klein apresentou esta problemática com relação ao "amor-ódio" da seguinte forma:

Investigações recentes os relacionaram particularmente com o mais primitivo estágio da infância. Tem sido reconhecida que a clivagem entre amor e ódio, comumente descrita como uma divisão de emoção, varia de intensidade e toma muitas formas. Essas variações estão ligadas à força dos temores persecutórios do bebê. Se a divisão for excessiva, a relação fundamentalmente importante com a mãe não poder ser alcançada com segurança e o progresso normal no sentido da integração do ego se perturbar. Isto pode resultar em doença mental posterior. Outra possível consequência é a inibição do desenvolvimento intelectual, que pode contribuir para o retardamento mental.¹¹

Esta situação acima é uma das rupturas que podem acabar acontecendo no relacionamento humano, embora não haja nem fusionalidade total, nem ruptura total.

André Lapierre e Bernard Aucouturier chamam este tipo de ruptura de Distanciamento Progressivo, o que acontece através das seguintes etapas:

Crescer para um local simbólico pluridimensional, em relação não apenas ao outro, mas aos outros: é o acesso a um espaço de comunicação social, de fusionalidade simbólica no grupo.

Enriquecer-se com todas as ofertas culturais que permitam mediatizar a comunicação: gesto, som cor, grafismo e sobretudo linguagem verbal.

Diversificar-se e também autonomizar-se na procura de uma identidade, de uma diferença que vai permitir a si mesmo ser único, não mais ser o outro, o complemento do outro.¹²

Ao longo do desenvolvimento humano, os objetos transicionais aparecem fragmentados ou pouco compreensíveis.

Para Melanie Klein, estes fenômenos serão reunidos pela capacidade de simbolização, que em suma, significa "reunir afectos" criados por sua própria história.

Esta capacidade ou dificuldade de simbolização implica desvios de personalidade, que podem alcançar níveis de psicose, esquizofrenia ou esquizoparanóia.¹³

Entretanto, outros problemas podem surgir quando o "objeto transicional acabar se transformando num objeto de fetiche e assim persistir como uma característica da vida sexual adulta"¹⁴

Quanto à necessidade da descoberta de uma linguagem comum, Winnicot relata que:

Quando o adulto consegue extrair prazer da área intermediária sem fazer reivindicações, podemos reconhecer nossas próprias e correspondentes áreas intermediárias, sendo que nos apraz descobrir certo grau de sobreposição, isto é, de experiência comum entre membros de um grupo na arte, na religião, ou na filosofia.¹⁵

Estas experiências estão diretamente ligadas à estética, ao símbolo, ao poético, ao místico, ao ritual, à criatividade, que acompanham o ser humano durante toda a sua vida, e que, de certa forma, estão muito ligadas ao lúdico.

PARADIGMAS ALTERNATIVOS DA FUSIONALIDADE E DA AUTONOMIA

O prazer do lúdico na experiência dos objetos e fenômenos transicionais demonstra ser uma excelente forma de estabelecer um satisfatório processo de comunicação, da criança com o jovem, do jovem com o adulto, do adulto com o idoso, e de todos eles com o mundo, trabalhando adequada e harmoniosamente suas tensões, a dualidade competição/comparação, seus prazeres, suas fantasias, suas ansiedades e frustrações.

Parece no entanto que, aprisionado durante muito tempo no âmbito da sisudez e da formalidade, o corpo desaprendeu o jogo de ser feliz.

O jogo, cujo poder mágico reúne o mar e a praia, a tensão e o relaxamento, a noite e o dia, o vaivém de todos os pêndulos existenciais, ainda não conseguiu fazer o Homem Brincar de Brincadeira.

O Homem tem preferido o jogo do poder, o jogo político, o jogo das finanças, o jogo da Bolsa, o jogo do dólar, o jogo da guerra, o jogo das especulações e o jogo da impunidade. Jogos nem sempre muito transparentes e com regras geralmente escamoteáveis, tendendo intencionalmente sempre para o lado no qual se joga.

O corpo resiste ao direito de ser e fazer feliz.

Talvez porque, jogando, o corpo demonstre que ama, que deseja, que goza, que enlouquece, que inventa, que seduz, como se tudo isso fosse fruto do pecado, ou o caminho mais fácil para perder o céu.

Resistir parece ser a palavra de ordem, atrás da qual homens e mulheres se escudam, evitando os jogos do riso, os jogos do amor... os jogos do corpo.

"Resistir" tira o corpo da jogada!

¹¹ KLEIN, 1973. p.184-185

¹² LAPIERRE & AUCOUTURIER, 1984. p.24

¹³ REZENDE, Notas de aula, Faculdade de Educação da UNICAMP, 1988.

¹⁴ WINNICOT, 1975. p.24.

¹⁵ IBIDEM. p.24

"Resistir" tira a responsabilidade, impede a iniciativa e evita o compromisso.

Portanto, se "resistir" é bom, logo, o feio é "ceder"!

O feio é "abrir-se"!

Ocorre, porém, que um coração e um corpo fechados estão sujeitos a não passar por perto nem de grandes nem de pequenas emoções porque aquele que não se abre, nem sabe o que é isto ou aquilo.

A resistência é perigosa e influente porque está sempre muito perto de todos nós.

"Resistir" é ter.

"Resistir" é ter medo.

"Resistir" é ter medo de ter medo.

"Resistir" é ter medo de ter medo de jogar o jogo do corpo, de expor-se à vida, de submeter-se à auto-reprovação e à reprovação alheia.

As opiniões alheias ainda dirigem a maioria dos comportamentos humanos, principalmente daqueles que ainda não tomaram consciência da sua corporeidade e não conseguiram QUEBRAR O PRÓPRIO GELO.

Roberto Crema esclarece o conceito de Resistência dentro da Gestalt-terapia, como o oposto ao conceito de Contato. Ultrapassar a fronteira do contato é sair dos limites do EU e inaugurar as possibilidades de NÓS.¹⁶

Não querer quebrar o gelo, não querer entrar em contato, insistir em manter a resistência, assemelham-se às características de um processo transicional não resolvido de uma pessoa que se recusa a jogar, justamente por não apresentar alternativas de comunicação.

Resistir é desejar a proteção do tipo "volta ao útero", com: temperatura uniforme, silêncio convidativo, alimentação constante e sono tranquilo.

Encarar maduramente as dificuldades do meio ambiente pode significar a perda do paraíso. Morder a maçã do lúdico, do erótico e do sensível pode significar o cometimento do pecado original.

Obstruídas naquilo que mais segrega seus componentes energéticos (o sistema muscular), as pessoas transformam suas tensões crônicas num objeto transicional da mais alta repressividade, impedindo os contatos.¹⁷

Assim como a projecção, a distribuição e a rejeição, a resistência pode exercer a função de um forte mecanismo de defesa, a fim de garantir a própria integridade pessoal.

Mais do que "quebrar a resistência", Roberto Crema sugere que ela seja compreendida na sua origem e na sua função:

A resistência tem um função capital de manter a integridade do organismo; em última instância, é a energia usada para a autopreservação da individualidade tal como se apresenta. Dizemos "Não!" ao contato, pelo medo de dissolução do "ser" com o qual nos identificamos e queremos manter, com consciência ou não.¹⁸

Durante toda a sua vida, o ser humano aprende a resistir a várias das suas funções vitais. As experiências de resistência excessiva podem tornar-se crônicas e acabar fazendo parte do comportamento cotidiano.

Experiências mal sucedidas de resistência podem levar a infelicidade e dificultar num possível tratamento, o esquecimento de lembranças dolorosas.

Por que será que quando encontramos um amigo infeliz, as primeiras reações para confortá-lo consistem em dizer coisas alegres, que as dificuldades passam logo, que o problema está só na sua imaginação, que um bom gole vale por um bom remédio ou que uma festa pode ajudá-lo a reencontrar-se?

Aconchego, alegria, fantasia, festa!

Não são todos componentes lúdicos, a povoar os encontros e desencontros humanos?

Não é o lúdico, na sua função de fenômeno transicional, tentando recompor comunicações perdidas e fusionalidades interrompidas?

Será que a conscientização da resistência, sua continuidade ou término, não teria maior sucesso se contasse com o apoio do lúdico?

Será que o LÚDICO com toda a sua abertura e espontaneidade, não teria a magia necessária para abrir as portas da felicidade?

Será que o LÚDICO não poderia apresentar novas dimensões dos problemas existenciais, evitando que as pessoas sabotassem o seu próprio desenvolvimento, diminuindo as razões dos seus infortúnios?

Será que o LÚDICO não ajudaria a enxergar "mais longe", facilitando o aprendizado da pesca, deixando que as pessoas escolhessem se desejam ou não pescar?

Será que o LÚDICO, que dribla o perfeccionismo, não aproveitaria as preciosas situações de erro, do recriar para corrigir o erro e portanto, renascer?

Será que o LÚDICO não poderia debelar a guerra INTERNA carregada pela maioria de nós, que faz dos espaços pessoais e sociais constantes campos de batalha?

Será que a ausência do LÚDICO na fusionalidade, não acarretaria a ausência do lúdico na autonomia?

Será que o prazer despertado pelo LÚDICO não garantiria a reorganização do corpo, quando este fosse

¹⁶ CREMA, 1985. p.55

¹⁷ CREMA, 1985. p.56, as explicações destes fenômenos foram apresentadas por Wilhelm Reich, qualificando a resistência como uma energia presa no corpo, na forma de couraça

¹⁸ CREMA, 1985. p.57-58.

submetido às instabilidades emocionais, intelectuais e motoras?

Será que o LÚDICO não poderia auxiliar pais e professores no trabalho de uma ruptura fusional mais tranquila, gradativa e equilibrada?

Será que o LÚDICO (no esporte, na ginástica, na dança e no jogo), não poderia evitar os estereótipos desnecessários da aprendizagem motora, que conduzem à obediência cega, à disciplina obrigatória e à repetição pela repetição?

Será que o LÚDICO não significaria o elemento conflitante subversivo e revolucionário de que a Educação, a Saúde e o Lazer estão precisando, para tornar os homens mais humanos?

Será que o LÚDICO não poderia colaborar no questionamento dos sistemas escolares, onde a lei, as regras, os estatutos, são todos decididos pela cúpula e não pelos estudantes?

Será que o LÚDICO não favoreceria um diálogo corporal mais honesto, mais franco e mais confiante, mais empático e mais significativo?

Será que o LÚDICO não deixaria nua a "figura" autoritária do educador, tornando a relação entre os docentes e os discentes mais igualitária e calorosa?

Será que o LÚDICO não favoreceria uma aprendizagem mais criativa, onde os alunos pudessem usufruir ao máximo das suas potencialidades?

Será que o LÚDICO não poderia evitar a deterioração do ensino, desvelando as crises do homem, as crises da cultura e as crises do mundo?

Será que o LÚDICO não poderia ajudar o homem a discriminar suas contradições, e demonstrar que alguns dos seus avanços são retrocessos e alguns dos seus retrocessos são avanços?

Será que é possível sonhar com todas as possibilidades citadas?

SERÁ QUE O LÚDICO NÃO CONSEGUIRIA FAZER OS CORPOS JOGAREM OS JOGOS DOS CORPOS, L U D I C A M E N T E ?

ABSTRACT

This study is a phylosophic analysis of PLAY, as factor of TRANSITIONALITY, there is, na intermediary stage between the dependency and the autonomy in search of the personal and the social identities. The analysis showed that: a) this stage implies the necessity of people to stay together, to overcome certain personal resistances and frigidity; and b) the pleasure of play over the transitional objects or phenomenons, shows an excellent way to put the people together, to stimulate happiness and to develop the confidence.

UNITERMS: Play, Transitionality, Communication, Health

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CREMA, Roberto. **Análise transaccional centrada na pessoa ... e mais além.** São Paulo: Agora, 1985.
- KLEIN, Melanie et alii. **A educação de crianças à luz da investigação psicanalítica.** Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- LAPIERRE, André & AUCOUTURIER, Bernard. **Fantasmas corporais e prática psicomotora.** São Paulo: Manole, 1984.
- LORENZETTO, Luiz A. **O corpo que joga o jogo do corpo.** Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas - SP, 1991.
- REZENDE, Antonio M. **Notas de aulas.** Faculdade de Educação da UNICAMP - Doutorado. Campinas - SP, 1988.
- WINNICOT, Donald W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido para publicação em 13/03/96

Endereço para contato:
Av. 24-A, 1515 - Rio Claro-SP
CEP 13506-900
Depto. Educação Física